

A guerra acabou!!!



Heródot Barbeiro (*)

Os políticos estão de olho nele. Para a esquerda, é um militar comprometido com o governo autoritário que administra o país. Para a direita, é um aliado que pode ajudar a estabilizar o governo e pôr um breque nas manifestações políticas que terminam em confronto com forças policiais na capital do país e no interior.

A direita está no poder, ameaçada pela esquerda que quer continuar a aprofundar a agenda social, especialmente para os pobres que se acumulam nas cidades e tiram o sossego da burguesia. Os assaltos e assassinatos são comuns e a polícia é incapaz de garantir a segurança. Principalmente à noite com aglomerações nos becos e nas vilas da velha cidade.

O principal alvo dos descontentes é a distribuição das terras. Elas estão monopolizadas nas mãos da elite nacional, que explora os camponeses submetendo-os a uma situação análoga à escravidão.

A elite teme a liderança que governou o país e promoveu uma série de reformas que mexeram com a economia, a distribuição de terras e renda

– e nem mesmo a Igreja Católica escapou. É verdade que há parte do clero associada à burguesia, mas há também os curas das pequenas cidades que se alinham ao lado da esquerda.

O Parlamento é o palco para debates mais acirrados e ameaças de lado a lado. Ninguém esconde que o atual governo chegou ao poder por meio de um golpe de Estado liderado por setores da burguesia e dos proprietários de terras. Mas não tem estabilidade. Precisam promover um “golpe dentro do golpe”.

Para isso, escolhem a dedo o militar que tenha força suficiente para fechar o Parlamento e fazer parte do triunvirato que irá governar a França. Napoleão Bonaparte, jovem general ambicioso, líder do exército e de grande popularidade. O grupo que está no poder desde o golpe do 9 de Termidor do Ano II, ou 27 de julho de 1794, faz um acordo com Napoleão para que faça parte do Consulado.

Ele lidera o golpe do 18 Brumário do ano VIII, ou 9 de novembro de 1799, e reserva para si a posição de primeiro cônsul. O primeiro passo da nova ditadura que recebe o pomposo Império.

(*) É professor e jornalista, âncora do Jornal Novabrasil, colunista do R7, do Podcast Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no YouTube (www.herodoto.com.br).

News @ TI

Novos dados da Microsoft revelam adoção global de IA entre 1 bilhão de pessoas

O AI for Good Lab da Microsoft acaba de divulgar dados inéditos sobre uso de IA analisando diversas ferramentas como Copilot, ChatGPT, Claude, Gemini, Midjourney e outras, para entender os principais fatores que impulsionam essa adoção. A pesquisa apresenta dois índices complementares: 1. AI Frontier Index – no qual as principais inovações são criadas; 2. AI Infrastructure Index – no qual existe capacidade para construir e escalar IA. Confira o relatório completo em (<https://news.microsoft.com/source/latam/noticias-da-microsoft/relatorio-de-difusao-da-ia-onde-a-ia-e-mais-usada-desenvolvida-e-construida/?lang=pt-br>).

Referência global em suporte Microsoft

SoftwareOne, companhia líder em soluções de software e tecnologia de nuvem e serviços, foi reconhecida pela Gartner como referência global em provedores de serviços de suporte Microsoft. No Brasil, a empresa figura como o único player incluído no levantamento, consolidando sua atuação local em um mercado de suporte técnico em expansão. O reconhecimento faz parte do relatório mais recente da consultoria, que analisa provedores independentes de suporte a produtos Microsoft e aponta as principais tendências desse segmento. De acordo com o estudo, empresas que optam por provedores alternativos podem reduzir despesas entre 30% e 60%, além de conquistarem maior previsibilidade financeira. A Gartner também projeta que, até 2028, aproximadamente 25% do mercado de suporte Microsoft será atendido por terceiros, frente aos 15% registrados em 2023, uma tendência que reforça o posicionamento estratégico da SoftwareOne no segmento (<https://www.softwareone.com/pt-br>).

75% do maquinário usado na construção civil terão conectividade até 2030

O mercado de equipamentos inteligentes para construção está avançando a passos largos, impulsionado por um forte movimento global de expansão de infraestrutura. De acordo com o relatório da Future Market Insights, o valor desse mercado deve crescer de US\$ 24,4 bilhões em 2025 para US\$ 81,5 bilhões em 2035, alcançando um CAGR (taxa composta anual de crescimento) de 12,8%. Pesquisa, do IBGE, revelou que em 2024, cerca de 89,1% das empresas industriais com 100 ou mais funcionários utilizavam pelo menos uma tecnologia digital avançada. “O setor de construção civil no Brasil tem muito o que avançar em termos de adoção de maquinário conectado, mas vemos um crescimento consistente no uso de conectividade no país”, diz Paula Cristina Dani, CEO da Milwaukee Brasil, que possui soluções em ferramentas conectadas (<https://www.milwaukeebrasil.com.br>).

Empresas & Negócios

José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródot Barbeiro.

Empresas & Negócios

José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródot Barbeiro.

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Editoração Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

ISSN 2595-8410

Responsável: Lilian Mancuso

Nvidia diz que IA não é uma bolha

Em meio ao crescente debate sobre uma possível bolha no setor de inteligência artificial, o CEO da Nvidia, Jensen Huang declarou que não acredita nisso, contrariando alertas de analistas, pesquisadores e grandes empresas.

Vivaldo José Breternitz (*)

Falando à Bloomberg, Huang classificou o momento atual como um “ciclo virtuoso” e anunciou uma série de parcerias estratégicas que reforçam a posição da Nvidia como líder global em hardware para IA.

Entre essas parcerias, destacam-se a colaboração com a Oracle para construir um supercomputador de IA para o Departamento de Energia dos EUA, o desenvolvimento de tecnologia 6G em parceria com a Nokia e o fornecimento de chips para a expansão dos robôtaxis da Uber.

Essas iniciativas levaram a Nvidia a atingir uma marca histórica: US\$ 5 trilhões em valor de mercado, superando gigantes como Apple e Microsoft.

No entanto, o domínio da empresa no setor de hardware para data centers de IA vem sendo desafiado: a Qualcomm lançou dois novos chips para IA, a Microsoft busca reduzir sua dependência da Nvidia, e a AMD firmou um contrato de US\$ 1 bilhão com o Departamento de Energia também para construir supercomputadores semelhantes aos da Nvidia.

A complexa rede de parcerias e investimentos entre empresas interdependentes gera especulações sobre um possível “investimento circular”, um sinal clássico de bolha de mercado. Embora Nvidia e AMD defendam esse ciclo como mutuamente



benéfico, especialistas compararam o cenário atual ao do final dos anos 1990, quando a bolha das empresas de internet estourou, gerando uma onda de quebras e enormes prejuízos para investidores de todos os portes.

As advertências se intensificaram: Deutsche Bank, MIT e até o CEO da OpenAI, Sam Altman, alertam que o boom da IA pode superar a bolha da internet em termos de impactos na economia como um todo. Deve-se levar em conta também as revelações do MIT, no sentido de que 95% dos empreendimentos em IA não geram lucro.

A Nvidia é uma exceção nesse cenário: seus produtos estão instalados na maioria dos data centers de IA e a empresa já representa cerca de 8% do índice S&P 500.

Mesmo que haja a bolha da IA e que ela eventualmente estoure, o valor de longo prazo da tecnologia provavelmente deve prevalecer. A revista Wired comparou o atual momento a outras revoluções tecnológicas, como a eletricidade, o rádio e a aviação comercial, todas marcadas por especulações e quebras antes de se tornarem pilares da vida moderna.

A diferença são os valores envolvidos.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitz@gmail.com.

A próxima revolução da IA não será técnica, mas ética

Quando afirmo que a próxima revolução da inteligência artificial (IA) será ética, refiro-me a uma mudança fundamental de perspectiva: sair da discussão sobre o que é possível fazer e entrar na esfera de o que é aceitável fazer, e, sobretudo, como demonstrar isso com governança, métricas e prestação de contas. Nos últimos anos, a capacidade técnica da IA evoluiu em ritmo vertiginoso, mas o que falta é licença social para operar, clareza regulatória e processos corporativos que tratem impacto em pessoas e direitos como requisito central de projeto, e não como nota de rodapé.

Os sinais dessa virada já estão claros. A União Europeia colocou em vigor, em 1º de agosto de 2024, o AI Act, primeira lei abrangente de IA com cronograma escalonado: proibições e letramento obrigatório em IA valendo desde 2 de fevereiro de 2025; as obrigações para modelos de propósito geral (GPAI) e as regras de governança vigorando em 2 de agosto de 2025; sendo que a plena aplicação ocorrerá até 2 de agosto de 2026, com prazos estendidos para sistemas de “alto risco” (European Commission, Digital Strategy). Essa legislação muda o jogo, pois estabelece deveres concretos de análise de risco, transparência e supervisão humana para quem fornece e para quem utiliza IA.

O movimento não se restringe à Europa. O National Institute of Standards and Technology (NIST), localizado nos Estados Unidos, publicou um AI Risk Management Framework com quatro funções: Govern, Map, Measure e Manage. Já a ISO lançou a ISO/IEC 42001 (sistema de gestão de IA) e a ISO/IEC 23894 (gestão de riscos em IA), tornando a ética um componente estruturante, com políticas, controles, auditorias e melhoria contínua, assim como já fazemos com qualidade ou segurança da informação (NIST, NIST Publications, ISO). No Brasil, o PL 2338/2023, que estabelece o marco legal da IA, foi aprovado no Senado em dezembro de 2024 e hoje tramita na Câmara, prevendo diretrizes de risco, avaliação de impacto algorítmico para casos de alto risco e competência regulatória



residual da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD) (Senado Federal, Portal da Câmara dos Deputados).

Mas a regulação é apenas um dos pilares dessa revolução ética. Empresas e lideranças não podem terceirizar a responsabilidade pelo impacto de seus algoritmos. Adotar IA implica assumir responsabilidade técnica e ética, a lógica de accountability by design. Isso envolve três níveis: o conselho e a diretoria precisam exercer supervisão ativa, alinhando governança de IA a indicadores de risco (World Economic Forum); a gestão executiva deve estruturar sistemas de gestão com políticas, papéis definidos e trilhas de auditoria, como previsto na ISO/IEC 42001 (ISO); e mesmo em contextos de instabilidade regulatória — como nos EUA, com reviravoltas no arcabouço de ordens executivas de IA em 2025 — órgãos como o NIST e a OMB já exigem governança robusta em agências públicas (The White House, NIST).

Os riscos de negligenciar o tema são claros e urgentes. Deepfakes de voz já interferiram em processos eleitorais nos EUA, levando a FCC a declarar que vozes geradas por IA em robocalls são ilegais sob a TCPA (AP News).

Para que a ética saia do rodapé e passe a integrar a essência dos projetos de IA, as organizações precisam de quatro mudanças estruturais. Primeiro, governança clara, com patrocinadores executivos, donos técnicos e indicadores de confiança revisados periodicamente. Segundo, processos de produto com gates éticos, incluindo avaliações de impacto algorítmico quando aplicável — algo que o Canadá já tornou obrigatório no setor público e que o PL 2338/2023 prevê para casos de alto risco no Brasil. A terceira mudança implica transparência operacional, com Datasheets, Model Cards e documentação técnica robusta, como exige o AI Act. E, por fim, cultura e letramento: a legislação europeia já trata a capacitação em IA como obrigação, mas as empresas precisam ir além e incluir metas de ética e impacto nos objetivos de inovação, treinando equipes para reconhecer inclusive quando não usar IA.

A revolução técnica já aconteceu. A próxima será ética e ela não será opcional.

(Fonte: Adilson Batista é especialista em IA Generativa e CIO da Cadastra. – E-mail: adilsonbatista@nbpress.com.br)

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Editoração Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

ISSN 2595-8410

Responsável: Lilian Mancuso

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: netjen@netjen.com.br

Site: www.netjen.com.br CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.